



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
PÓS-GRADUAÇÃO, ESPECIALIZAÇÃO EM LATO SENSU
EM LÍNGUA E CULTURA TERENA

GENIVALDO FLORES DA SILVA

PRÁTICAS CULTURAIS: ALDEIA *VERSUS* CIDADE

Campo Grande/MS
2018

M	 <p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL</p>
G.F. SILVA	<p>GENIVALDO FLORES DA SILVA</p>
PRÁTICAS CULTURAIS: ALDEIA <i>VERSUS</i> CIDADE	<p>PRÁTICAS CULTURAIS: ALDEIA <i>VERSUS</i> CIDADE</p>
2018	<p>Campo Grande/MS 2018</p>

GENIVALDO FLORES DA SILVA

PRÁTICAS CULTURAIS: ALDEIA *VERSUS* CIDADE

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*, Especialização em Língua e Cultura Terena, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua e Cultura Terena.

Área de concentração: Língua e Ensino

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

Campo Grande/MS
2018

S58p Silva, Genivaldo Flores da

Práticas culturais: Aldeia versus Cidade. Informação artigos relacionados ao tema estudado, pesquisa. Genivaldo Flores da Silva. Campo Grande /MS: UEMS, 2019.

42p.; 30cm.

Monografia (Especialização) – Língua e Cultura Terena
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues.1. Línguas 2. Estudo
3. Ensino 3. Pesquisa. I.Título.

CDD 23. ed. 407

GENIVALDO FLORES DA SILVA

PRÁTICAS CULTURAIS: ALDEIA *VERSUS* CIDADE

Monografia Conclusão de curso apresentado como exigência ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, Especialização em Língua e Cultura Terena, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua e Cultura Terena.

Área de concentração: Língua e Ciência

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr.
Presidente

Marlon Leal Rodrigues

Prof. Me.
Titular

Celso Abraão dos Reis

Prof. Dra.
Titular

Rosimar Regina de Oliveira

Prof. Ma.
Suplente

Vicentina dos Santos Vasques Xavier

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me permitido a realização desta pesquisa, dando vida, força, saúde e sabedoria ao longo deste curso de Pós-Graduação em Língua e Cultura Terena e pela conclusão do curso.

À minha querida esposa Rose, por ser uma grande companheira, pelo incentivo, pela paciência, compreensão e apoio em todo o período deste curso de especialização, acima de tudo pelas orações feitas por mim.

Aos meus pais: Benito e Dionízia e também aos meus irmãos Genilson, Benite, Lenilza e Aziel pela força e pelas palavras de incentivo nos momentos de dificuldades.

Ao Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues, meu orientador, por acreditar em mim, pela sua competência na orientação durante a realização deste trabalho.

Ao Prof. Me. Celso Abraão dos Reis na composição da Banca de Defesa.

Ao meu sogro e sogra Roberto e Evanisa pelas palavras de incentivo e apoio ao longo do curso.

Às minhas avós Maria Regina e Lucinda Angú, pelo carinho que me deram e pelas palavras de incentivo em todos os momentos de minha vida.

A todos os meus tios e tias pelo apoio e incentivo.

Enfim, a todos os professores que ministraram as aulas durante o curso e também aos colegas do curso, pela amizade e paciência nos momentos de realização de trabalho em grupo.

Aynapono yakoe
Muito Obrigado

SUMÁRIO

Introdução

Objeto

Objetivos

Metodologia

Suporte Teórico

I – Capítulo I – Estado da Arte

II – Capítulo II - Análise dos Dados

Conclusão

Referências

SILVA, Genivaldo Flores da. Práticas Culturais: Aldeia *versus* Cidade. Monografia (Especialização) – Língua e Cultura Terena. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2018). 42p.

RESUMO:

Este trabalho objetiva analisar as práticas ambientais e culturais indígenas da etnia terena nas aldeias, bem como após migração de jovens e adolescentes indígenas da etnia terena do município de Miranda e Aquidauana para a cidade de Campo Grande/MS. Também visamos conhecer as possíveis consequências, perdas e/ ou transformações de práticas culturais indígenas. Nessa pesquisa, será descrita, especificamente, a formação da Comunidade Indígena Água Bonita, situada ao norte de Campo Grande/MS, a 13 km do centro da cidade, e a implantação da horta comunitária com o cultivo de hortaliças folhosas, cultivadas por 22 famílias indígenas residentes na comunidade. As conclusões obtidas nessa pesquisa apontarão as possíveis consequências da migração de jovens e adolescentes indígenas para a cidade e da convivência com não indígenas (purutuye) no meio urbano.

Palavra-chave: Práticas ambientais indígenas; migração; cidade.

SILVA, Genivaldo Flores da. Cultural Practices: Village versus City. Monografy (Specialization) – Language and Culture Terena. State University of Mato Grosso do Sul, 2018). 42p.

ABSTRACT

This work aims to analyze the indigenous environmental and cultural practices of the Terena ethnic group in the villages, as well as after the migration of Terena Indigenous and adolescents from the municipality of Miranda and Aquidauana to the city of Campo Grande / MS. We also seek to know the possible consequences, losses and / or transformations of indigenous cultural practices. This research will specifically describe the formation of the Água Bonita Indigenous Community, located at north of Campo Grande / MS, 13 km from the city center, and the establishment of the community garden with the cultivation of hardwood crops, cultivated by 22 families indigenous people living in the community. The conclusions obtained in this research will point out the possible consequences of the migration of indigenous youths and adolescents to the city and the coexistence with non-indigenous people (purutuye) in the urban environment.

Keyword: Indigenous environmental practices; migration; City.

LISTA DE ABREVIATURAS

- AGRAER - Agência Nacional de Desenvolvimento Agrário
- APP - Área de Preservação Permanente
- FAO - Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
- FETAGRI - Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Mato Grosso do Sul
- FETTAR - Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Assalariados Rurais no Estado de Mato Grosso do Sul
- FUNAI - Fundação Nacional do Índio
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- PIN - Posto Indígena
- RANI - Registro de Administrativo de Nascimento de Indígenas
- SAS - Secretaria Municipal de Ações e Assistência Social
- Sedhast - Subsecretaria de Estado de Direitos Humanos Assistência Social e Trabalho
- SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
- UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

INTRODUÇÃO

As práticas ambientais e culturais dos povos indígenas vêm sendo desenvolvidas ao longo de muitos anos, tais práticas são tradicionalmente ensinadas aos jovens indígenas pelos anciões das aldeias mesmo antes da chegada dos portugueses ao Brasil em 1500.

As etnias indígenas existentes no Brasil têm as suas particularidades no que se refere à cultura, modos de sobrevivência e costumes tradicionais. Por exemplo, o trabalho desenvolvido pelos indígenas da etnia terena em suas aldeias é a prática da agricultura tradicional, com o método da utilização de adubo orgânico, como restos de folhas e de vegetais em decomposição e o cultivo principalmente de mandioca, batata, milho e feijão.

Ainda, outro trabalho desenvolvido pelos terenas é a confecção de artesanato como arco e flecha, brincos de pena, colares, cocares e a fabricação de cerâmica.

Na prática da agricultura, as técnicas de plantio realizadas pelos indígenas terena sempre foram a partir dos conhecimentos culturais tradicionais e realizadas de forma braçal. E o momento exato do plantio era baseado principalmente na estação lunar.

Se comparado aos dias atuais, as condições climáticas e ambientais daquela época eram favoráveis para o plantio o que lhes garantia uma boa produtividade das espécies cultivadas. Devido a uma grande incidência de chuva e pouca radiação solar, as terras apresentavam boa fertilidade.

O cultivo de legumes e de grãos sempre fizeram parte da cultura tradicional dos terenas desde os seus antepassados. Os produtos colhidos geralmente são usados para o próprio consumo e quando produzidas em grande escala, uma parte são vendidas.

Referindo - se sobre os cuidados com a questão ambiental, os indígenas sempre tiveram a preocupação de preservar a natureza, por exemplo, a retirada de madeira é de forma controlada e sustentável, as madeiras que são retiradas, são utilizadas somente na construção de casas, construção de artesanatos etc.

Os povos indígenas em geral, são ricos em diversidades culturais e ambientais, desde as suas crenças, religiões, culinária, preservação da língua materna, danças, jogos, pinturas, produção de artesanatos, histórias, mitos e cultivo de plantas medicinais para a produção de remédios caseiros etc.

Isso engloba também os conhecimentos tradicionais indígenas desde a antiguidade e são repassadas aos jovens e adolescentes indígenas pelos anciões que vivem

nas aldeias até os dias atuais. Sendo uma forma de manter essas riquezas tradicionais indígenas para que elas não se percam.

Com o aumento da população indígena no Brasil e através de reivindicações e pressões por parte das lideranças indígenas ao governo brasileiro, as reivindicações das populações indígenas começaram a obter resultados.

Após a criação da Constituição Federal de 1988, todas essas diversidades culturais e os direitos dos povos indígenas passaram a ser garantidas e reconhecidas como constitutiva do Estado Brasileiro, o qual os indígenas passaram a ter os mesmos direitos de um cidadão brasileiro.

Alguns documentos internacionais foram importantes e auxiliaram na criação e na garantia de políticas indigenistas nacionais como: A Convenção nº 169 sobre os Povos Indígenas e Tribais em Países Independentes da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 1989), ratificada pelo Brasil por meio do Decreto nº 143 de 25 de julho de 2002; e a Declaração das Organizações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (ONU, 2007).

A sobrevivência dos indígenas no passado era baseada na caça e na pesca, mantendo um convívio harmônico com a natureza, e extraindo do meio ambiente somente o necessário para a sua sobrevivência. Assim, colaborando na preservação da flora e a fauna, para a sobrevivência de gerações futuras.

De acordo com a Constituição de 1988, no Estatuto do Índio, Decreto 1.141/94; o artigo 24, dita que o uso frutu das terras compreende o direito à posse, uso e percepção das riquezas naturais e de todas as utilidades existentes nas terras ocupadas. O parágrafo segundo do comando legal citado garante ao índio o exercício exclusivo da caça e pesca nas terras por eles ocupadas.

Com a chegada dos portugueses no Brasil no ano de 1500, as culturas e costumes tradicionais indígenas foram ficando no esquecimento e conseqüentemente na perda da cultura, citando como exemplo a perda da língua materna, produção de comidas típicas, crenças, danças, jogos, desenhos corporais, produção de artesanato e a prática da agricultura tradicional. Na prática da agricultura, os indígenas aprenderam a fazer o uso de produtos químicos, sendo prejudicial à saúde ao ambiente.

De acordo com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI, 2010), nos últimos 150 anos, 80% das emissões de gases ao efeito estufa, ocorrem através da queima de combustíveis fósseis, desmatamento e a exploração insustentável de recursos naturais. Esses fatores associados contribuem para as mudanças climáticas da Terra e o

aquecimento global. E como consequência, houve aumento excessivo da temperatura, redução de chuvas, e a extinção de algumas espécies de plantas e animais.

Segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação – (FAO,2012b) afirma que atualmente a Terra tem sofrido com a degradação generalizada dos ambientes de cultivo, devido à escassez de recursos do solo e da água em função do uso cada vez mais intensivo do solo, o que coloca em risco os sistemas essenciais de produção de alimentos.

Ainda, de acordo com a FAO pelo menos 25% dos solos do planeta já foram degradados. Desta forma, os meios e sistema de produção de alimentos têm pela frente desafios de como alimentar uma população que pode chegará 9 bilhões em 2050.

Ressaltando que a prática da agricultura é a base da produção alimentar nas aldeias. Devido a mudanças climáticas para a prática da agricultura, possivelmente tornou – se inviável permanecer morando na aldeia.

Segundo (CAVALCANTE, 2013) muitas famílias indígenas terena migraram - se para diversas cidades do Estado de Mato Grosso do Sul como Campo Grande, Aquidauana e Miranda, devido a diversos fatores como conflitos com os produtores rurais, conflitos políticos internos, dificuldades no atendimento à saúde, ausência de emprego nas aldeias, conflitos religiosos, entre outros.

De acordo com (HAESBAERT, 2010), com a intensificação do processo de desterritorialização manifestado pela Terra Indígena - Cidade, houve aumento de famílias indígenas vivendo em áreas urbanas, vindo a ocupar terrenos baldios e construindo barracas nas periferias dos bairros Tiradentes, Nova Lima, Jardim Noroeste, Bairro Tarsila do Amaral, entre outros.

Com o aumento de indígenas morando na cidade de Campo Grande, os indígenas foram se organizando e formando comunidades indígenas, conhecida hoje pelas autoridades como aldeias urbanas.

Esta pesquisa refere - se sobre a formação da Comunidade Indígena Água Bonita, localizada na região norte de Campo Grande e também sobre a construção da horta comunitária, como fonte de geração de renda para as famílias indígenas, sendo benéfico também para a comunidade.

OBJETO

Práticas Ambientais e culturais da aldeia para cidade.

OBJETIVOS

Analisar a migração de jovens e adolescentes da aldeia para cidade e suas consequências com a perda e/ ou transformações de práticas culturais indígenas.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Essa pesquisa foi desenvolvida na Comunidade Indígena Água Bonita, localizada na região norte de Campo Grande/MS.

Para o desenvolvimento desta pesquisa para a construção da horta comunitária, foram lidos livros, artigos referentes ao manejo do solo, produção e uso de adubo natural e os métodos para o controle de pragas.

Realizaram - se cursos sobre a construção da horta em parceria com a (AGRAER), e a Prefeitura Municipal de Campo Grande.

Para o projeto de construção da horta comunitária, foram cadastradas 22 famílias residentes na Comunidade Indígena Água Bonita que se encontravam desempregadas. Cada família recebeu um terreno com uma área de 10x20m, que equivale a 200 metros quadrados de área por família. Foram distribuídas para as famílias o kit com ferramentas para o preparo do solo e construção de canteiros.

As sementes, mudas e adubos eram fornecidas pela empresa Casa da Semente em parceria com a prefeitura municipal de Campo Grande/MS.

A construção dos canteiros foi realizada de maneira coletiva pelos alunos do curso. Após o afofamento do solo, realizou - se a irrigação para receber o transplante de mudas.

Após o plantio das sementes e mudas, o trabalho nos cuidados com a horta por parte das famílias do projeto foi diário, sendo irrigado 2 vezes ao dia, no período da manhã e no final da tarde.

Para a irrigação das hortas pelo sistema de aspersão, foi necessário instalar uma caixa d'água de 20 mil litros próximo aos canteiros, para atender todas as famílias.

No controle de pragas, principalmente de fungos, utilizou - se caldas de fumo, feito da mistura de sabão, fumo e água em garrafas pet de 2litros. E também o processo de catação, eliminando as partes afetadas pelos fungos.

Utilizou - se também alguns biofertilizantes na preparação da calda bordalesa, produtos considerados de baixa toxicidade.

Ainda, houve também o acompanhamento técnico ao longo do desenvolvimento das espécies de hortaliças folhosas cultivadas até a colheita.

Com a colheita, os produtos foram comercializados em feiras livres, mercados próximos ao bairro. E uma outra parte dos produtos colhidos foram doados para os moradores da própria comunidade.

Posteriormente à colheita das verduras, os terrenos foram novamente preparados para dar início ao novo plantio, com a diversificação das espécies, como o plantio de espécies folhosas e frutíferas.

SUPORTE TEÓRICO

A HISTÓRIA DA CULTURA DO POVO INDÍGENA TERENA

Descrever sobre a cultura indígena especificamente da etnia terena de todas as aldeias é complexa, são várias aldeias e as famílias indígenas de cada aldeia têm a sua especificidade na maneira de sobrevivência, como o tipo de cultura a ser cultivado, o ensino da língua materna, o sotaque na pronúncia das palavras na língua terena etc. No município de Aquidauana/MS e Miranda/MS concentram - se a maior parte dos indígenas da etnia terena.

De acordo com (FIALHO, 2010), as aldeias indígenas são independentes umas das outras em questões políticas internas. Cada aldeia possui um líder que antigamente era chamado de “nâti”, que significa chefe indígena e atualmente é chamado de cacique.

Para formar um representante nas aldeias conhecido como cacique, é feita uma eleição parecida com a dos não indígenas, com duração de quatro anos. O cacique eleito tem a autoridade e autonomia política dentro da aldeia e também é o responsável para dialogar em nome da comunidade com o prefeito dos municípios a qual as aldeias pertencem em busca de melhoria para a comunidade.

Em três aldeias do município de Aquidauana há três Postos Indígenas (PIN) e todos são coordenados por um indígena, que tem como responsabilidade cuidar da parte administrativa das aldeias, inclusive fazer a documentação de todos os indígenas adultos, inclusive de crianças indígenas recém-nascidas.

Este documento é conhecido como Registro Administrativo de Nascimento de Indígenas (RANI), fornecido pela FUNAI. Assim, os três PIN que estão localizados nas aldeias são: PIN Limão Verde, PIN Taunay e PIN Ipegue. As aldeias pertencentes ao PIN Taunay são: Aldeia Imbiruçu, Aldeia Água Branca, Aldeia Morrinho, Aldeia Lagoinha, Aldeia Bananal, Aldeia Jaraguá, Aldeia Ipegue e Aldeia Colônia Nova.

Há outras aldeias indígenas da etnia terena localizadas no município de Miranda/MS, Município de Sidrolândia/MS e uma aldeia indígena terena com o nome de Aldeinha localizada no município de Anastácio/MS.

Os indígenas terena sempre tiveram como trabalho a agricultura, e a técnica utilizada por eles é conhecida como coivara. Após a colheita, os produtos são levados para serem vendidos em feiras livres no município de Aquidauana e Campo Grande.

A coivara é uma técnica de preparo para o plantio, que consiste em derrubada de uma pequena área, posteriormente após a secagem dos restos vegetais, faz - se a queima. Essa técnica era feita de modo controlado, para minimizar o impacto ambiental.

No passado, a técnica utilizada para dar início ao plantio era através de conhecimentos tradicionais baseados na astrologia. Para garantir uma boa produção eram feitos cuidados como o manejo do solo, adubação natural e a diversificação de culturas ou rotação de culturas.

As variedades de plantas cultivadas eram: a mandioca, milho, arroz, feijão, batata doce e banana, etc. Toda a produção agrícola era para subsistência da família. E uma parte das sementes era reservada para o próximo plantio.

Instrumentos de financiamento da atividade rural, será suprido por todos os agentes financeiros sem discriminação e o inciso III, que tem relação direta com os interesses e as necessidades dos indígenas encontramos o seguinte texto “incentivar a introdução de métodos racionais do sistema de produção visando o aumento da produtividade, a melhoria do padrão de vida das populações rurais. (SILVA, 2008, P. 737).

Com o passar dos anos as técnicas de plantio foram se inovando, todas as aldeias começaram a receber projetos como incentivo para a prática de agricultura por parte da FUNAI.

Essa instituição, faziam doações de maquinários agrícolas como tratores, óleo diesel, grade aradora, reboque, ferramentas de uso manual e sementes.

De acordo com (FÉLIX et al, 2017), ao longo dos anos com o surgimento do desenvolvimento tecnológico para a prática de agricultura e com a ampliação do capital sobre o campo, somados ao contato intercultural, a agricultura rudimentar e tradicional dos indígenas Terena sofreram alterações significativas. Essas inovações tecnológicas para a prática de agricultura nas comunidades indígenas perduram até os dias atuais.

As práticas de agricultura pelas famílias indígenas nas aldeias têm sofrido reduções significativas, principalmente pelos fatores climáticos, citando como exemplo a escassez de chuva e também a falta de incentivo por parte do governo brasileiro nas políticas públicas para as comunidades indígenas.

Um outro trabalho que vem sendo desenvolvido nos últimos 20 anos pelos indígenas nas aldeias é o ramo da pecuária, com a criação de gado. Além disso, um outro meio de sobrevivência de muitas famílias nas aldeias é trabalhar na colheita de maçã,

onde muitos pais de famílias saem de suas aldeias para trabalharem por um período de 3 a 4 meses até o término do contrato.

CAPÍTULO I

ESTADO DA ARTE

Esse trabalho relata especificamente as práticas culturais indígena da etnia terena. Pois, no passado eles possuíam um modo de vida totalmente diferente dos dias atuais. Uma das características tradicionais que faz parte da cultura dos indígenas terena é a prática da agricultura tradicional, no cultivo de legumes e grãos, que é uma característica típica dos terenas.

Os indígenas em contato com os não indígenas, aprenderam a usar roupas feitas de tecidos de algodão e passaram a ter uma alimentação totalmente diferenciada com produtos industrializados, o ensino da língua portuguesa, o ensino da catequese e outras religiões e crenças.

Especificamente, os indígenas da etnia terena podem ser considerados como indígenas “modernos”, pois usam roupas, calçados, possuem celulares, notebook, conta bancária etc.

Assim, os indígenas vivem de acordo com a evolução tecnológica tanto nas aldeias na zona rural quanto nas cidades em que vivem.

O ensino da língua portuguesa como componente curricular nas escolas, fez com que os jovens indígenas aprendessem a fazer mais o uso da língua portuguesa. E acabavam se desinteressando de aprender língua terena.

Isso colaborou para que muitos jovens e adolescentes indígenas deixassem de praticar a sua própria cultura tradicional indígena, sendo uma perda para a manutenção da cultura e identidade indígena, sendo um risco no futuro da extinção da língua indígena terena.

CAPITULO II

ANÁLISE DE DADOS

BREVE HISTÓRICO DO INDÍGENA NO BRASIL

Segundo (BITTENCOURT, 2000), “a população indígena no Brasil é constituída por aproximadamente 200 povos de etnias diferentes e falam 170 línguas diferentes, que corresponde a 250 mil indígenas, cada um com seus costumes, crenças e tradições”. Ainda, os indígenas da etnia terena habitam nas regiões dos rios Aquidauana e Miranda que são afluentes do Rio Paraguai.

De acordo com o censo demográfico do IBGE 2010, em Campo Grande, o número da população indígena é de aproximadamente de 5.657 indígenas vivendo na cidade, concentrados em quatro aldeias urbanas reconhecidas oficialmente e denominadas de Aldeias Urbanas.

De acordo com (OLIVEIRA e PEREIRA, 2007), os indígenas terenas antes de se instalarem no Estado de Mato Grosso do Sul, habitavam na região conhecido como “Exiva” e a prática de agricultura tradicional, produção de cerâmica, e tecelagem sempre fizeram parte da cultura terena, como meio de sobrevivência.

Devido as dificuldades nos cuidados com a saúde, a falta de emprego para o sustento da família e a perspectiva de terem uma boa qualidade de vida, fizeram com que muitas famílias indígenas da etnia terena saíssem de suas aldeias para morar na cidade.

Assim, poderiam haver possibilidades para os jovens e adolescentes indígenas em prosseguir nos estudos e posteriormente ingressar numa faculdade.

A migração dos indígenas mencionados nesta pesquisa refere-se especificamente aos indígenas da etnia terena que saíram de suas aldeias principalmente do município de Miranda/MS e Aquidauana/MS e vieram morar na cidade, concentrando -se em diversos bairros de Campo Grande/MS.

Com o passar dos anos, mais famílias indígenas vieram para morar na cidade. Assim, a quantidade de indígenas na capital do Estado de Mato Grosso do Sul foram crescendo.

Na cidade, esses indígenas tiveram que conviver com os não indígenas, uma realidade de sobrevivência totalmente diferente vivida em uma aldeia. Assim, começaram a aprender uma cultura com os não indígenas. E tiveram que vencer muitos desafios, principalmente a discriminação pela sociedade.

Devido ao receio de serem discriminados, muitos indígenas não se identificaram como indígenas e passaram despercebidos no momento do Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). O que dificulta a contagem real de indígenas brasileiros existentes. Dentro deste contexto observa-se que:

Desde a última década do século passado vem ocorrendo no Brasil um fenômeno conhecido como “etnogênese” ou “re-etnização”. Nele, povos indígenas que, por pressões políticas, econômicas e religiosas ou por terem sido despojados de suas terras e estigmatizados em função dos seus costumes tradicionais, foram forçados a esconder e a negar suas identidades tribais como estratégia de sobrevivência – assim amenizando as agruras do preconceito e da discriminação – estão reassumindo e recriando as suas tradições indígenas. (LUCIANO, 2006, p. 28).

Já na cidade, devido as dificuldades de arranjar emprego e pagar aluguel, as famílias indígenas começaram a se organizar vindo a ocupar áreas desocupadas e começaram a construir barracas de maderite e lona sendo uma alternativa de moradia. Na maioria das vezes, essas áreas geralmente pertenciam à prefeitura de Campo Grande.

De acordo com (LUIZ e MARA, 2016), para minimizar a problemática dos indígenas por falta de moradias e com a pressão por parte das lideranças indígenas ao poder público, foi implementado construções de conjuntos habitacionais, ficando reconhecidas como aldeias urbanas, assim, surgiu a aldeia Marçal de Souza e a Comunidade Indígena Água Bonita.

No ano de 2002, com a concentração de famílias indígenas de diferentes etnias, numa área que pertencia ao Estado de Mato Grosso do Sul, surgiu a Comunidade Indígena Água Bonita, cuja aldeia que também faço parte como morador e atualmente é conhecida como aldeia indígena urbana que hoje abriga 198 famílias composta por cinco etnias diferentes (Terena, Guarani, Kaiowá, Kadiwéu e Guató).

Essa comunidade indígena urbana é miscigenada, ou seja, é composta por pessoas de raças diferentes, como o não indígena, negros e indígenas de várias etnias. Muitos indígenas são casados com pessoas não indígenas (purutuye), na tradução da língua indígena terena.

Cada família mora em seus devidos terrenos que foram divididos de forma padronizada semelhante à dos bairros vizinhos, cada terreno medindo cerca de 10x20 metros de área.

Essa comunidade indígena está localizada na região norte, na distância de 13 km do centro de Campo Grande, nas proximidades do bairro Tarsila do Amaral.

A extensão total dessa área corresponde à 14 hectares, e no centro da comunidade há uma Área de Preservação Permanente (APP).

A área de Preservação Permanente é definida como uma área que pode estar coberta com vegetação ou não, mas exercendo uma função muito importante que é de preservar os recursos hídricos, margens de rios, paisagem, a biodiversidade, o fluxo gênico da fauna e flora protegendo o solo e propiciando o bem-estar do ser humano (BRASIL, 2001).

Com a criação dessa aldeia indígena urbana, houve alguns problemas, através do consumo de alimentos de produtos industrializados comprados em mercados, foram gerando o acúmulo de lixo principalmente de materiais plásticos como as garrafas pet de refrigerantes e outros materiais plásticos.

Uma das alternativas para solucionar esse problema foi necessário fazer poços mortos em seus terrenos para depositar esses lixos para depois serem queimados.

Essa é uma das práticas culturais tradicionais indígenas adotada nas aldeias da zona rural, pois não há coleta de lixo. Mas essa prática é inviável pois com a queima desses lixos, acabam poluindo e prejudicando o meio ambiente, lançando gases tóxicos na atmosfera, sendo prejudicial à natureza como também a saúde humana.

O lixo é tudo aquilo que é produzido sem utilização e lançado fora. Mas alguns lixos podem ser reaproveitáveis pelo processo de reciclagem.

Existem dois tipos de lixo, os inorgânicos e os orgânicos e são produzidos diariamente. Os lixos orgânicos geralmente não são reaproveitáveis, destacando como exemplo, restos de comidas, cascas de frutas, restos de folhas etc. Exceto para aqueles que tem no fundo de quintal de casa um pequeno cultivo de horta, e fazem o uso de restos de verduras e folhagens como adubo.

Já os lixos inorgânicos podem ser reciclados e depois reutilizados. Fazem parte desta categoria de lixo, os materiais plásticos, papelão, garrafas pet, metais e outros.

Para minimizar o acúmulo de lixo algumas pessoas da comunidade que se encontravam desempregadas tiveram a criatividade de juntar esses materiais plásticos para serem vendidos como material de reciclagem, o qual o comprador ainda passa semanalmente de caminhão para buscar esses materiais plásticos.

Assim sendo, uma maneira de geração de renda para essas famílias e uma maneira eficiente para contribuir na preservação ambiental. Esse trabalho com vendas de materiais de reciclagem na Comunidade Água Bonita permanece até os dias atuais.

Nos últimos 10 anos, houve várias ocupações de áreas em diversos bairros de Campo Grande. Essas áreas que foram ocupadas por indígenas, atualmente são chamadas de comunidade indígena ou aldeia indígena urbana.

Em 2014 na gestão do ex - prefeito Gilmar Olarte, através do programa Mesa Mais Verde a Comunidade Indígena Água Bonita recebeu incentivo para criação da horta comunitária, em parceria e coordenação da Secretaria Municipal de Ações e Assistência Social (SAS). Esse projeto foi criado com o objetivo de desenvolver a educação ambiental como também a produção de alimentos de subsistência na comunidade indígena e o fortalecimento da agricultura família.

Assim, iniciou-se a construção da horta sendo instalada próximo a Área de Preservação Ambiental. Os terrenos foram divididos para as 22 famílias inseridas no projeto da construção da horta comunitária.

Segundo a senhora Rosilene Gisoato, assessora técnica de políticas pública da SAS, esse programa foi desenvolvido em parceria com a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), em 2014. A criação do projeto tinha como objetivo estimular os indígenas desta comunidade a produzir o alimento para consumo próprio e também vender em feiras livres nos bairros próximos, sendo um meio de geração de renda.

As principais espécies de hortaliças folhosas cultivadas foram: almeirão, alface americana, couve, repolho e rúcula. Com o desenvolvimento dos cultivos, surgiram algumas pragas, especificamente os fungos. E o método de controle para combater essas pragas, utilizou - se produtos com baixa toxicidade e também o processo de catação.

Segundo (BETTIOL, 2004), os fungos comumente encontrados em cucurbitáceas e principalmente tomateiros, pimentões e quiabos e em outras culturas são conhecidos como oídio (*Spherotheca fuliginea*). A parte mais atacada são as partes superiores das folhas e os sintomas iniciam-se com um crescimento branco pulverulento, formado por micélio, raramente causa a morte das plantas, mas reduz a produtividade e a qualidade do produto.

De acordo com (ROESE, MASSON e OLIVEIRA, 2011), em Mato Grosso do Sul a ocorrência do oídio foi observado nos municípios de Dourados, Anastácio, Chapadão do Sul, dentre outros estados.

No ataque de fungos, é possível fazer o uso de defensivos naturais. Esses produtos podem ser preparados pelos próprios horticultores, sendo de baixo custo e de baixa toxicidade. Os produtos utilizados são biofertilizantes enriquecidos, cinzas, soro de leite e calda bordalesa. Ainda, contra-ataques de pragas, para o controle podem ser utilizadas plantas repelentes como a losna, capim cidreira e o método de catação (FERREIRA, 2006; AMBIENTE BRASIL *apud* NASCIMENTO et al. 2009).

No cultivo de hortaliças, vários fatores podem contribuir nas perdas em decorrência de doenças que surgem. Entre os fatores podem ser considerados: condições ambientais, modo de transmissão e disseminação dos patógenos. (PEREIRA; PINHEIRO, 2012).

É conveniente trabalhar com hortaliças em épocas que não ocorrem muita chuva, pois a humidade também é um fator propício para o surgimento e desenvolvimento de pragas, especificamente os fungos.

São raros os cultivares resistentes a este tipo de pragas. A irrigação por aspersão e a chuva não em excesso, tornam-se vantagens para as plantas atacadas por fungos, pois removem os esporos presentes nas folhas, auxiliando no controle dessas doenças (REIS, 2012).

Ainda, há outros meios de prevenir os cultivos contra os ataques de pragas, comumente desenvolvidos em hortaliças. Geralmente os horticultores fazem o cultivo em estruturas como exemplo a estufa.

O cultivo protegido tem sido indicado na literatura como forma de propiciar condições climáticas mais favoráveis e parcialmente controladas, bem como barreira para insetos e outros tipos de animais melhorando os índices de produtividade (BEZERRA, 2003; NASCIMENTO, SIQUEIRA, SIQUEIRA, 2011).

Na comemoração de 12 anos da criação da Comunidade Indígena Água Bonita, foi realizado o lançamento da horta comunitária com a participação do ex-prefeito Gilmar Olarte Antunes. Nessa ocasião, foram distribuídos 17 kits com sementes, adubos e mudas para as famílias inseridos no programa de horticultura. Logo abaixo, a imagem do lançamento do projeto da horta comunitária, na figura 1.

Figura 1. Lançamento da horta comunitária



Foto: kleber Claius,2014.

Após as primeiras colheitas de hortaliças folhosas, foi necessário fazer a rotação de cultura e a diversificação das espécies. Próximo ao cultivo de hortaliças foi possível plantar leguminosas e plantas frutíferas como a banana e maracujá.

Uma parte da produção eram doadas para as famílias moradoras da comunidade e também para entidades.

Segundo os dados da Agência Nacional de Desenvolvimento Agrário (AGRAER) no ano 2016, do município de Campo Grande, a horta comunitária da Comunidade Indígena Água Bonita é a primeira horta com cultivos de hortaliças folhosas do Brasil sendo cultivadas por indígenas. Ao longo do projeto da horta, houve um acompanhamento técnico por parte da AGRAER.

O projeto da horta comunitária nesta comunidade tornou - se uma novidade para os próprios moradores indígenas como também para as pessoas de bairros vizinhos. Para os indígenas terena foi considerado um projeto diferenciado, mas ao mesmo tempo de aprendizagem.

Os indígenas da etnia terena têm como tradição cultivar apenas mandioca, batata doce e grãos. Este projeto de cultivos de hortaliças trouxe uma oportunidade de ensinar aos indígenas a cultivar novas culturas. A partir daí o projeto somente evoluiu, tornando - se um trabalho diário, sendo um meio de garantir a renda e o sustento da família.

Em 2015, a Comunidade Indígena Água Bonita foi atendida pelo Governo de Mato Grosso do Sul em parceria com o Grupo Energisa através da Subsecretaria de Estado de Direitos Humanos Assistência Social e Trabalho -Sedhast, com a instalação da rede elétrica de energia. Atualmente, a Aldeia Indígena Água Bonita conta também com a coleta de lixo, onde o caminhão passa 3 vezes na semana realizando a coleta.

Em 2017, através da Subsecretaria de Políticas Públicas para Mulher de Campo Grande pude participar como colaborador dos instrutores que ministraram o curso de Implantação e Manejo Básico de Horta, Curso de Cultivo Orgânico de Hortaliças, Curso de Produção de Adubo Orgânico, em parceria com Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Mato Grosso do Sul (FETAGRI) e Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Assalariados Rurais no Estado de Mato Grosso do Sul (FETTAR).

Pelo fato de ser formado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) de Dourados, o acompanhamento ao longo do curso na parte teórica quanto na prática ocorreu de forma tranquila, pois pude relembrar e colocar em prática a parte teórica que havia estudado durante a academia.

O interesse dos alunos em participar do curso foi de grande importância e de muito aprendizado, pois tudo o que foi ensinado durante o curso foi colocado em prática em suas hortas no dia a dia de forma individual. Os alunos foram participativos tanto na aula teórica quanto na prática.

A seguir a imagem do instrutor do SENAR, e os alunos participantes do Curso de Implantação do Manejo Básico da Horta na figura 2.



Figura 2. Alunos participantes do curso

Todos os cursos foram ministrados pelos instrutores do SENAR e tiveram a duração de 4 dias no período integral. Ao término dos cursos, os alunos receberam certificados. A seguir, a imagem da produção da horta comunitária na Comunidade Indígena Água Bonita, na figura 3.

Figura 3: Horta comunitária da Comunidade Água Bonita.



Fonte: Agraer, 2016.

Os resultados esperados foram satisfatórios, obtendo um bom resultado nas colheitas das espécies cultivadas com uma boa produtividade, com alimentos saudáveis e de qualidade e 100% orgânica, beneficiando a saúde humana.

Em junho deste ano de 2018, através da Prefeitura Municipal de Campo Grande, na gestão do prefeito Marquinhos Trad, em parceria com a Empresa Águas Guarirobas, foi instalada a rede de água tratada na Comunidade Indígena Água Bonita, atendendo as 198 famílias da comunidade.

Ressaltando que o projeto da horta comunitária na Comunidade Indígena Água Bonita encontra - se ativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória histórica do povo terena vem ocorrendo ao longo de muitos anos. A etnia Terena é considerada um povo de característica guerreira. Na Guerra do Paraguai, os indígenas da etnia terena participaram para defender suas terras.

A maior parte dos indígenas da etnia terena está concentrada no Estado de Mato do Sul, principalmente nos municípios de Aquidauana, Miranda e Sidrolândia por onde ocorreram as guerras segundo relatos encontrados em pesquisas e livros de história.

Após a guerra e o contato direto com o homem branco conhecido como (purutuye) nas aldeias, muitos indígenas pai de família, acabaram aprendendo a falar a língua portuguesa. Essa facilidade de aprender a se comunicar na língua portuguesa, na visão do indígena era vantajoso, pois contribuía para que esses indígenas conseguissem arrumar trabalho. E muitas vezes, esses indígenas saíam de suas aldeias indo morar nas cidades e fazendas devido ao trabalho para sustento de suas famílias. Essa migração dos indígenas das aldeias para a cidade ocorre até os dias de hoje.

Se porventura essa realidade não mudar, a etnia terena poderá sofrer futuramente sérios riscos de extinção.

Como vantagem da migração dos indígenas para centros urbanos, atualmente há um grande número de jovens formados em nível superior em diversas áreas como na área de educação, saúde, direito, turismo e assistência social.

Após a formação, muitos desses profissionais indígenas optam em voltar para as suas aldeias para trabalhar na comunidade. Outros acabam conseguindo espaço no mercado de trabalho, posteriormente casando - se com mulheres não indígenas e permanecendo na cidade.

A população indígena em geral no Brasil, tem avançado ao longo dos anos, conquistando espaços na sociedade, na política, como também em mercado de trabalho em diversas áreas.

Isso é uma conquista alcançada resultado de seus esforços e que faz bem para a comunidade indígena, pois muitos desses indígenas saem de suas aldeias de origem para estudar e após a sua formação, voltam para as suas aldeias para trabalharem em suas comunidades de origem.

Portanto, o indígena consegue se adaptar vivendo na cidade, mas sem se esquecer de suas raízes. Quando surgem oportunidades, eles sempre vão para suas aldeias para ficar alguns dias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Medida Provisória 2.166-67**, de 24 de agosto de 2001. Altera os arts. 1o, 4o, 14, 16 e 44, e acresce dispositivos à Lei n. 4.771 de 1965:código florestal.Brasília,DF,2001.Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/cr/v41n7/a5611cr4051.pdf> Acesso em: 26 nov. 2018.

BETTIOL, W. **Leite de vaca cru para o controle de oídio**. Comunicado técnico. Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente, 2004. Disponível em: <http://www.cnpma.embrapa.br/download/comunicado_14.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2018.

BEZERRA, F. C. **Produção de mudas de hortaliças em ambiente protegido. Fortaleza**: Embrapa Agroindústria Tropical, 2003. 21p. (Embrapa Agroindústria Tropical. Documentos, 72) Disponível em: <http://www.cnpat.embrapa.br/cnpat/cd/jss/acervo/Dc_072.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2018.

BITTENCOURT, C, M.; LADEIRA, M.E. **A História do povo Terena**. Brasília: MEC, 2000,156p.

CAVALCANTE, T.L.V. Colonialismo, território e territorialidade: a luta pela terra dos Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul – Tese (Doutorado em História), Assis, SP: UNESP,2013.

FÉLIX et al. **Livro JC na escola Ciência, Tecnologia e Sociedade: Mobilizar o Conhecimento para alimentar o Brasil**. Avaí/SP, 2017.

FERREIRA, M. L. **Produção orgânica de hortaliças. Projeto hortas caseiras e comunitárias**. Minas Gerais. Agosto, 2006. Disponível em: <<http://www.funcesi.br/Portals/1/Cartilha%20site.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

FIALHO, C, F. **O Percurso histórico da Língua e Cultura Terena na Aldeia Ipegue/Aquidauana/MS**. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 2010.
HAESBAERT, R. O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

LUCIANO, G. dos S. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD em parceria com o Museu Nacional, Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento - LACED, 2006. 227 p. (Coleção Educação para todos, 12). (Vias dos saberes, n. 1). Obra com apoio da

Fundação Ford e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO. Disponível em: Acesso em: 23 nov. 2018.

SILVA.L.F.B.L.; BERNARDELLI.M.L.F.H. **A Constituição da Comunidade Urbana Água Bonita em Campo Grande – MS: Territorialidade e identidade indígena.** XVIII Encontro Nacional de Geógrafos. A Construção do Brasil: geografia, ação política e democracia. São Luís/MA, 2016

OLIVEIRA.J.E. de; PEREIRA, L.M. “Duas no pé de uma na bunda”; da participação Terena na guerra do Paraguai e a Tríplice Aliança à luta pela ampliação dos limites da Terra indígena Buriti. **Revista Eletrônica História em Reflexão.** Dourados; UFGD: v.1, n.2, jul/dez.2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração sobre os Direitos dos Povos Indígenas,** 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO - FAO. **Escassez e degradação dos solos e da água ameaçam segurança alimentar.** 2012b. Disponível em: <<https://www.fao.org/edsaasa.asp>>. Acesso em: 23 out. 2018.

PEREIRA, R. B.; PINHEIRO, J. B. **Manejo integrado de doenças em hortaliças em cultivo orgânico.** Brasília - DF: Embrapa Hortaliças, 2012 (Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento 111). Disponível em: <http://www.cnph.embrapa.br/paginas/serie_documentos/publicacoes2012/ct_111.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2018.

REIS, A. Atenção para o oídio em hortaliças. **Embrapa Hortaliças.** 2012. Disponível em: <http://www.cnph.embrapa.br/paginas/imprensa/releases/oidio_em_hortalicas.html>. Acesso em: 23 nov. 2018.

ROESE, A. D.; MASSON, G. L.; OLIVEIRA, H. N. Controle Alternativo e químico de oídio no pinhão-manso. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM PINHÃO MANSO. II, 2011, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: Embrapa Agroenergia, 2011. Disponível em: <<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/50323/1/Controle.PDF>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

SILVA, L. F. V. e (Org.) **Coletânea da legislação indigenista brasileira.** Brasília: CGDTI/FUNAI, 2008.